

discuta-se. Examinem-se as razões apresentadas e os motivos invocados, mostre-se que se está em desacordo, aclare-se tudo quanto se diz, mas não se diga nunca, como se tem feito e se está acentuando cada vez mais, sobretudo por parte dos camaradas hespanhoes, que aqueles camaradas atraíram a causa, são ex-anarquistas, que se houvesse um congresso seriam postos de lado, etc. Não falo de epítetos pejorativos, que no calor da discussão se tem empregado de parte a parte, pois que isso não tem importância, sendo apenas mais uma prova de que os temperamentos tem mais força do que as ideias.

Mastraidores, excomungados, ex-anarquistas, porquê? Porque pensam de modo diverso? Mas então onde está a tolerância, o espirito de relatividade, próprios da moral anarquista?

Ha um dogma ou dogmas anarquistas?

Pois não é a propria discordância d'opinões a mostrarmos que não ha rigidez nas ideias e portanto na conduta? E se aqueles tiverem razão? E' inadmissivel? Isso diz a Igreja, não o podem dizer anarquistas, os livre-pensadores, os irreverentes por excelencia, os que tudo examinam, porque a verdade não é uma nem eterna, porque ela pode estar onde menos se julgue encontra-la, porque a verdade de hoje é o erro de amanhã—isto até nas sciencias positivas, quanto mais na sociologia e sobretudo na sua applicação!—.

Bem sei que, embora relativamente, ha principios fundamentaes, pelos quaes nos regulamos enquanto a sua falsidade nos não é demonstrada. Mas por isso mesmo, não havia o dever de respeitar a qualidade de anarquista aos que em nome desses principios falam, sem que a sua conduta moral mostre que os atraíram e com um passado que deve ser um elemento do juizo a fazer?

Outro aspecto da critica feita, foi o alarme levantado com a attitude daqueles camaradas, e que creio foi excessivo. Um excelente camarada, não me chegou a dizer, em seguida á publicação da carta de Kropotkine ao professor G. Steffen, que «estavam matando o anarquismo»?

Eu creio que este receio manifestamente exagerado, que alguns sentiram, contribuiu muito para intensificar a critica feita e fazer dizer muita coisa que se não diria a sangue-frio.

Mas não tem razão de ser, porque o anarquismo em nada está dependente da discussão entre camaradas ou de quaesquer attitudes que se tomem.

Por bem maiores dificuldades ele tem passado, por causa de attitudes e orientações (epocas de Ravachol, Dreyfus, Bonnot, etc) e não se encontrou combatido. E depois... este receio de attitudes que se tomam, con-

trarias á nossa, não parece mostrar que se tem pouca confiança na doutrina que se defende?

Quem se apavora com a revelação das opiniões contrarias e respectivas attitudes, são os autoritarios religiosos e laicos; e é por isso que ha o *index-expurgatorio*, leis de imprensa, se amordaçam jornaes, se queimavam livros impios ou se proibem de circular, se recommenda ás familias que não leiam certos autores e certas folhas. Esses é que começam por achar que é um erro a exposição de ideias contrarias, passando depois a chamar-lhe um perigo e acabando por lhe chamar um crime, reclamando o castigo dos hereticos.

Mas ha ainda outras ideias a originarem as censuras e os alarmes que a meu ver se não justificam: a coherencia, a equivalencia dos regimens politicos, a importancia atribuida ao factor economico e consequente regeição dos outros factores como de importancia minima.

(Continua).

Emilio Costa.

Uma explicação

Com *Jranquezinha franca* nos fala a *Aurora* no seu ultimo numero. De sorte que não é preciso esperar que o tempo esclareça a attitude agressiva que ela tomou para com o *Germinal*. As suas palavras de agora explicam o caso edificantemente. Para a *Aurora* o que ha é sobretudo... uma questão de centavos. Ela vê no *Germinal* um concorrente e trata por isso de o desacreditar para manter firme a sua clientela. Que miseria! E que tristeza que faz o verificá-la!

Noutros tempos era com a maior satisfação que os camaradas recebiam a noticia de ter aparecido mais um jornal defensor das ideias libertarias. Agora é o que se vê! Pois seja. E já que nos é forçoso analisar tão triste documento humano, façamo-lo, mas depois doutro numero da *Aurora*. Póde succeder vir lá a rectificação ou aclaração da frase — «os camaradas traziam entre outros o intuito de combater as ideias que modestamente defendemos» — e o sentido dela importa bastante ao que temos a dizer.

A «Kultur» e «Ferrer»

Os soldados da *kultur*, ao que contam gazetas, acabam de derribar e destruir o monumento que ha tempos fôra erigido na capital da Belgica, em honra de Francisco Ferrer.

«Para os ultramontanos da Espanha,— comenta *A Lucta*— como para os cesaristas da Alemanha, Ferrer é a «Escola Moderna» e a escola moderna é a porta para um futuro que elles detestam».

FIGURAS DA SOCIAL

LUIZA MICHEL

(1830-1905)



«Quem foi Luiza Michel?

«Uma santa, uma iluminada, uma visionaria, uma louca, uma criminosa incendiaria, diz-se da banda da burguesia. E ela era uma mulher cheia de bondade, uma revolucionaria, mistica talvez, mas absolutamente sincera: uma humanitaria, por certo, dogmatica e paradoxal, mas em todo o caso pondo o seu humanitarismo em acção.

Pode-se qualificá-la de sabia, de filosofa? Não. Impulsiva em subido grau, era a maior agitadora. Emfim, o seu sentimentalismo tinha alguma coisa de bizarro, de anormal mesmo, e a sua vontade aparecia frequentemente como que perturbada; a sua obstinação tornava-se ás vezes monomania, e a sua sinceridade produzia nela inconsequencia e imprudencia.

«Tudo isto quer dizer que ela tinha, como o comum dos mortais, as suas «qualidades» e os seus «defeitos», mas qualidades predominantes, e defeitos que não faziam mal a ninguém.

«O que nela houve de sublime é que apesar dos seus dissabores, das suas afflicções, dos seus desgostos, das suas desilusões intimas e dos seus rancores, semeou sempre por toda a parte a eterna confiança que reanima e reconforta. Sabia ligar os seus fulgores de esperanza e fazer d'elles um facho, com que iluminava as multidões. E depois

a sua convicção gigantea era soberbamente corajosa: não cometeu nunca o mais baixo de todos os crimes—prégar a calunia aos explorados e a resignação aos famintos.»

São de E. Girault, no seu livro *La-bonne Louise*, estas palavras. Completamos nós, dalgum modo, a evocação

Luiza Michel encarnou e sublimou todo o Belo Humano: a generosidade, a bravura, a abnegação, realçadas pela mais nobre simplicidade.

Sob o Imperio, ainda muito nova, foi a educadora desvelada dos filhos do povo e o seu grande coração comovia-se com os sofrimentos dos deserdados. Como professora compreendeu que as alegrias dos ricos são tecidas da desgraça dos pobres; e juntou-se aos lutadores que queriam destruir o cesarismo para estabelecer uma sociedade melhor.

Nas horas sombrias de 1870-1871, Luiza foi enfermeira nas ambulancias, cuidando dos feridos, durante os combates, sem recear a metralha; depois, quando a reacção versalheza tentou estrangular Paris, pegou numa espingarda e combateu no forte de Issy, nos Moulinaux, nas barricadas, em defesa do direito social e da liberdade.

Quando os fuziladores vitoriosos transformaram Paris num vasto campo de carnagem, ela podia ter fugido; mas, sabendo que sua mãe fôra detida e era conservada em refens, não hesitou um momento e entregou-se á prisão. Ante o conselho de guerra, fustigou os juizes com o seu desprezo e lançou-lhes ás faces o seu desdem da morte.

Escapou ao fuzilamento em Satory para ser arremessada á deportação na Caledonia. Ahi, durante nove anos, foi exemplo de constante abnegação e de altivez estoica.

De regresso a França, pela amnistia, —em 1880—retomou logo o seu posto de combate social. E a Republica, em que os desherdados depositavam sinceramente as suas esperanças, continuou a não ter para ela senão rigores. Depois da deportação, a cadeia. Depois da cadeia, o exilio!

Luiza Michel nasceu aos 27 de Maio de 1830, em Vroncourt, no Alto Marne (França), e morreu no hotel Oasis de Marselha, a 10 de Janeiro de 1905, por occasião de uma excursão de propaganda.

FRAGMENTOS

Pretendeu-se fazer das mulheres uma casta, e sob a força que as esmagava através dos acontecimentos, operou-se a selecção: nem nos consultaram para isso, nem nós temos de consultar seja quem fôr. O mundo novo nos reunirá á humanidade livre, na qual cada ser terá o seu lugar.

Porque era eu ali uma privilegiada? Ignoro-o. Talvez porque as mulheres gostam das revoltas. Nós não valemos mais do que os homens, mas o poder ainda não nos corrompeu.

Se um poder qualquer fosse susceptivel de fazer alguma coisa, esse poder seria a Comuna, composta de homens de intelligencia, de coragem, de extrema honestidade, que desde a vespera ou de ha muito tinham dado provas indubitaveis de dedicacão e energia. Incontestavelmente, o poder aniquilou-os, não lhes deixando vontade implacavel senão para o sacrificio.

A larga e pronta hospitalidade é de ha muito a gloria da Inglaterra. Ela hauriu no passado essa virtude: outras nações lá vão haurir as ferocidades já desaparecidas.

As obras e a vida dos que lutam pela liberdade não vão ficando aos bocados pelo caminho?

Uma vez que eu dizia a madame Lamel o que pensava sobre a impossibilidade em que no poder se encontram os homens — não importa quais — de fazer outra coisa que não seja cometer crimes, se são fracos ou egoistas, ou ser aniquilados, se são dedicados e energicos, — respondeu-me ela: «E' tambem o que eu penso». Como tinha muita confiança na rectidão do seu espirito, a sua aprovação deu-me muito prazer.

O tempo actual é muito semelhante ao fim do Imperio, com um aumento feroz das repressões, com